

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Populou Class.: _____

Data: 07/03/87 Pg.: _____

COMPORTAMENTO

190 Aruanã, O Renascer da Nação Karajá

Leonardo Carmo

A cidade de Aruanã é o festejado balneário dos turistas goianos e de outros Estados que para lá correm em busca dos prazeres do sol, pescarias e passeios de lanchas e canoas que o caudaloso Rio Araguaia oferece. Mas existe também no local, os chamados Karajá de Aruanã que vivem numa pequena reserva dentro da cidade. Como todos sabem, a terra é a mãe dos índios e isso é o que eles menos tem hoje em todo esse Brasil do qual são os habitantes primeiros. Por isso mesmo, os índios de todo o território brasileiro organizam-se em defesa de seu espaço, de seu povo e de sua cultura. Em Aruanã, isso não é diferente e a primeira coisa que se observa no dia-a-dia da aldeia é que todos trabalham: os índios estão sempre envolvidos com alguma tarefa, sobretudo a do artesanato de onde saem bellssimos arcos e flexas, remos e porretes, colares ornamentados com penas de pássaros e bolsas de diversos tamanhos e utilidades que dão uma idéia da cestaria Karajá.

Também em Aruanã, nos dias do carnaval, um grupo de estudantes sob a coordenação do professor Mario Arruda, responsável pelo setor de etnologia do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia — IGPA — da Universidade Católica de Goiás, deram o último retoque no projeto que deverá ser o finalizado neste mês de março e que prevê a construção de seis casas no estilo Karajá bem como um trabalho de assistência médico-odontológica de caráter curativo, preventivo e educativo. O projeto tem o suporte financeiro do Ministério da Educação que deverá também deslocar recursos para financiamento de outras necessidades que se fazem urgentes na aldeia dos Karajás de Aruanã.

Em todas essas atividades, os estudantes fizeram também um levantamento etno-histórico documentando as lendas, os mitos, os costumes dos Karajá. Como o projeto está em desenvolvimento desde dezembro de 1986, colheu-se também depoimento de alguns Karajá, onde eles dão o seu

parecer sobre o Projeto Karajá de Aruanã. Transcrevemos aqui os principais trechos dessas entrevistas onde eles falam abertamente de seus sonhos, frustrações e desejos.

Para o índio Raul Rawakati "em meados de 1982, 1983, a Goiastur mandou cercar os arredores da aldeia e se interessou então pela construção das casas que já estavam as palhas de indaiá e buriti totalmente gastas. Em Goiânia, a Funai disse que não precisava de casas porque os índios já estavam indo para a Ilha do Bananal. Ficamos sabendo disso na rua, pelos amigos que temos aqui em Aruanã: Em seguida veio o funcionário da Funai com promessas e vantagens da nossa mudança: tratores, materiais, ferramentas para o índio. O curioso é que esses índios do Bananal estão passando fome, segundo o índio Enxati, e que a situação deles lá está muito dificultada com alguns pensando em vender o patrimônio da aldeia. Algum tempo depois o professor Acary, preocupado com a situação se interessou e mobilizou o pessoal do INDUR que fez a demarcação da reserva indígena. Mas o pessoal da Pousada trouxe demarcadores próprios fazendo outras marcas, avançando 1,50 metro: para dentro da reserva. O Acary e o Mário então resolveram oferecer construção de casas cobertas de palhas em estilo karajá e os índios concordaram. Agora, com as casas construídas, podemos pensar em resolver outros problemas que temos aqui, como um local maior para fazermos uma roça, e levamos uma vida mais digna. Para isso, é importante que o Ministério da Educação continue ajudando o índio".

O índio Joãozinho, exímio artesão, disse que "as casas ficaram bem feitas, são resistentes e vão durar muito tempo. Isso deixa o karajá mais contente e confiante. Fico mais tranquilo para trabalhar. Para ficar melhor é preciso fazer agora a casa de Arumane". Jacinto, o chefe da aldeia é outro que dentro poucos dias terá a sua casa construída. Para ele "o índio já mandou em tudo isso aqui e precisa viver com mais dignidade com o branco respeitando. A construção das coisas foi um primeiro passo para que as coisas na reserva melhorem. É preciso também que os estudantes de medicina e os dentistas venham fazer o seu trabalho e que o Ministério da Educação continue ajudando".